



Roberson Francisco de Almeida

Resistência Negra

São Paulo
2019



Roberson Francisco de Almeida

RESISTÊNCIA NEGRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso sociedade e cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Monografia resistência negra.

Orientador: Professor Dr. Amilton Azevedo.

**São Paulo
2019**

RESISTÊNCIA NEGRA

Para compreender a resistência dos negros, precisamos desconstruir essa ideia que os africanos escravizados sofreram de modo inativo, de maneira nenhuma, lutaram e reivindicaram seus direitos. Essa crença até hoje interfere ainda no nosso imaginário construído em nossa sociedade a respeito dos nossos antepassados africanos.

Além de influenciar em nossas vidas das mais variadas formas, essa visão também tem efeitos na construção da autoestima e da identidade tanto das pessoas negras como das brancas.

Na realidade a crença na passividade do africano escravizado no Brasil, na indolência de seu conformismo diante da escravidão trata de um estigma que vem a século.

O excluído, majoritariamente negro e mestiço, é estigmatizado como preguiçoso e inferior e perseguido não mais pelo capitão do mato, mas sim, pela viatura da polícia com licença para matar o pobre e preto. Obviamente, não é a polícia a fonte da violência, mas as classes média e alta que apoiam esse tipo de polícia pública informal para higienizar as cidades e calar o medo do oprimido e do excluído que construiu com as próprias mãos nossa nação.

Essa continuação da escravidão com outros meios se utilizou e se utiliza da mesma perseguição e da mesma opressão cotidiana e selvagem para quebrar a resistência e a dignidade dos excluído.

É muito comum ouvirmos amigos até parentes atribuírem, de maneira equivocada, longa críticas sobre a escravidão a um comportamento inerte de resignação dos negros ou demonstrarem total ignorância sobre as revoltas escravas movimento de luta social.

A falta de divulgação de pesquisas e livros que recortam a história do negro brasileiro, como sujeito ativos e não como vítima da escravidão e do passado escravista. Basta pensar quantas vezes ouvimos ou lemos sobre líderes negros que atuaram nos movimentos de luta durante e após a escravidão, quantos participaram de debates com pesquisadores negros e brancos sobre participação ativas dos negros no Brasil, quantos documentários e programas informativos sobre essa temática são vinculados na televisão, meio de comunicação.

Passado a história do negro no Brasil descobrimos que não houve aceitação e apatia, mas sim, luta e organização para compreendermos, as estratégias e as formas de luta que foram criadas, é preciso considerar o momento, histórico em que o africano escravizado vivia e o que significava ser negro e escravo no Brasil colônia.

Essas ponderações são necessárias para que não se cometa o erro de querer encontrar nas formas e organizações negras que existiram, durante a escravidão o mesmo tipo de luta e organização dos movimentos sociais dos dias atuais.

Afinal, já se passaram mais de três séculos. Por isso é importante considerar, que os limites impostos aos africanos escravizados e seus descendentes representam um sentimento de esforços desses sujeitos na luta pela sua libertação, indignação diante da escravidão.

Várias foram a forma de resistência negra durante o regime escravocrata, insubmissão às regras do trabalho nas roças ou plantações onde trabalhavam, os movimentos espontâneos de ocupação das terras disponíveis, revoltas, e fugas, abandono das fazendas pelos o escravos, assassinato de senhores e de sua família, abortos, organizações religiosas, entre outras, foram muitas estratégia usada pelos negros na luta contra a escravidão.

Essa forma de organização negra revela que os africanos e seus descendente eram homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos, integrante de diferentes etnias Hauças, San, Wodaabe produtores de cultura.

Por mais humilhante opressor que tenha sido o regime da escravidão, ele não conseguiu roubar a humanidade dessas pessoas, por mais que tenha tido muito, muito sofrimento “não podemos olhar os africanos, escravos impassíveis somente” Autor Kabengele Munanga

O negro no Brasil de hoje / Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes. – 2, ed. – São Paulo: Global, 2016 pg: 67, 68, 69, 70.

As associações formadas por negros (sociedade Beneficente Estrela da Redenção, no Rio de Janeiro: a Sociedade Beneficente Luiz Gama, em Campinas e SP, e o Clube Beneficente 13 maio em Curitiba) não se limitaram apontar caminhos para superá-los. Diversas foram as soluções preconizadas: melhora a forma educacional e cultural, a valorização da subjetividade, relacionada à construção de identidade, a necessidade de protesta diante das injustiça e de atuar politicamente, contudo a principal solução advogadas foi a união, considerada pré-requisito para os negros se fortalecerem, conquistarem espaço na sociedade e, assim superarem problemas comuns que enfrentavam.

Os negros desenvolveram desde o período colonial uma intensa forma de se comunicar. Mesmo escravizados, encontraram diversas maneiras de se reunir com seus pares. Algumas formas organizacionais, como as maltas de capoeira e os terreiros de candomblé, foram perseguidas outras irmandades religiosas sob a égide da igreja católica e as agremiações de ajuda mútua não eram tão toleradas pela sociedade.

Todas tinham como objetivo satisfazer necessidades sociais, econômica, culturais, religiosa e humanas de um segmento populacional que vivia em condições adversas.

A abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, não resolveu todas essas necessidades, no entanto, abriu aos negros a possibilidade de se organizar sob condições diferentes daquelas do regime de cativeiros, com mais margem de liberdade.

Essas associações variavam consideravelmente. Algumas buscavam proporcionar amparos sociais, prestando serviços de cunho previdenciário: assistência médica, farmacêutica e jurídica, pensão por invalidez do associado ou dos seus dependentes em caso de morte ou de auxílio mútuo, com bem mostram os exemplos da sociedade Cooperativa dos Homens Preto (1902)

Outras associações concentravam atividades no campo cultural e educacional, investindo na formação de gêneros literário, corpos cênicos, grupos musicais e escolares, esse foi o Club 13 de maio dos Homens Preto

Ao longo da primeira República, as associações negras se multiplicaram, estima-se que em Porto Alegre surgiram 72 delas, entre (1889 e 1920) já em São Paulo foram 123 entre (1907 e 1937)

Estas associações têm em geral um quadro administrativo eleito, incluindo cargos como os de presidente, secretário, tesoureiro, fiscal e diretor.

Outras alugavam salões para o seu funcionamento e para a realização de eventos. Sua principal fonte de recurso eram as mensalidades pagas pelos seus associados.

Para desenvolver laços de identidade, as sociedades criavam símbolos, como hino, estandarte e cartão de identificação, as atividades variavam bastante, palestra, apresentações literárias, teatrais e música, bailes, excursões, concursos (como os dos blocos carnavalescos) homenagens aos ícones negros (como Luís Gama, Jose do Patrocínio) competições desportivas, cursos de alfabetização.



As associações labutavam por constituir espaços autônomos de sociabilidade, política, cultural e lazer, como denominador comum, guardavam a preocupação com o progresso moral, intelectual, cultural e social do negro.

No primeiro ano da década de 1930, o chamado associativo dos homens de cor ganhou visibilidade nacional com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB) na cidade de São Paulo.

A FNB destacou dentre as demais associações por suas realizações, pelo tempo que permaneceu ativa, ainda mais, pelas atividades político sociais desenvolvida.

A agremiação contava com um salão de beleza, bar, local para jogos e divertimento eleitoral. Mantinha escola, biblioteca, grupo musical, corpo cênico, time de futebol, além de oferecer uma Caixa Beneficente, serviços médicos, curso de artes e ofícios, e de publica um jornal: A Voz da Raça



A FNB conquistou algumas vitórias no campo dos direitos civis, conseguiu eliminar as interdições que impediam o ingresso de negros na Guarda Civil de São Paulo e em certos locais público de lazer. Refletindo seu crescimento como força institucional, a agremiação obteve, em 1936 permissão para se registra como um partido político.

Quando às mulheres negras, de acordo com um dos fundadores da FNB, o ativista Francisco Lucrécio, estas eram mais assíduas na luta em favor do negro, de forma que na Frente Negra a maior parte eram mulheres.

Era um contingente muito grande, eram elas que faziam todo movimento. Ainda que outros estudos considerem a afirmação acima um tanto exagerado torna-se importante registrar que as afrodescendentes exerciam várias funções na FNB. Na Cruzada Feminina, em 1935 elas eram mobilizadas, visando à realização de trabalhos assistencialistas tratava de uma comissão feminina que tinha como finalidades promover o material didático e o uniforme dos alunos. Para arcar com as despesas, a comissão promovia várias campanhas de arrecadação de fundos junto aos associados.

Para lecionar na escola fretenegrina, a então Secretaria de Educação e Saúde do Estado de São Paulo nomeou, a partir de julho de 1934, duas professoras comissionadas: Francisca de Andrade, oriunda do Grupo Escolar de Cabreúva e Aracy Ribeiro de Oliveira proveniente do Grupo Escolar de Boa Esperança.

Com a nomeação das professoras, a escola passou a ser inspecionada pela referida secretaria. Periodicamente, um inspetor a visitava para acompanhar o cumprimento das disposições regulares e orientar seus professores, visando a técnicas e a finalidade do ensino.

“Ser comissionada permitia que a professora da rede pública fosse nomeada para trabalhar em um estabelecimento de ensino privado e, ainda assim, receber seus vencimentos por parte do Estado”

Já as Rosas Negras se dedicavam a organizar festivais artísticos. A FNB, em 1936 transformou-se num partido político, almejado participar de futuras eleições, a fim de arregimentar votos da população de cor. Sob a influência do contexto internacional de ascensão do nazifascismo, a entidade defendeu um programa político e ideológico com características de autoritarismo e ultranacionalismo.

Naquele momento, sua principal liderança foi Arlindo Veiga dos Santos que exaltava publicamente o governo do italiano Benedito Mussolini (1883-1945), na Alemanha. O próprio subtítulo do periódico. A Voz da Raça e Família, era sintomático: Deus, Pátria, Raça e Família, sendo diferente do lema dos integralistas (movimento de extrema direita) apenas pela presença do termo “Raça”.

Neste período, A Frente Negra Brasileira (FNB) organizou uma milícia inspirada nos “boinas verdes” do fascismo italiano.

Recebida numa audiência pelo, então Presidente da República Getúlio Vargas (1882-1954) teve algumas de suas reivindicações atendidas, a exemplo do fim da proibição de ingresso de negros na Guarda Civil de São Paulo. O episódio é uma indicação do poder de barganha que o movimento negro, naquele momento, dispunha no cenário político.

À época, o racismo se apresentava de forma exacerbada até em forma de anúncio em muitos periódicos:

Precisa-se de empregado, mas não queremos de cor. A entidade também atuava por meio de alguns movimentos no interior, especialmente nos lugares em que os afrodescendentes não passeavam nos jardins, mas na calçada.

Lilia M.Schwarcz e Flavio Gomes

Dicionário da Escravidão e Liberdade

Vários autores: Bibliografia

Autor: Petrônio Domingues

Associativismo Negro

Página: 113, 116, 117, 118,119

Segundo Abdias Nascimento (1914-2011), o fracionamento da FNB ocorreu devida à polarização político de suas lideranças: Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978) liderava o Movimento Patrianovista de caráter nacionalista, monarquista conservador e tradicionalista Brasileira, e Jose Correia Leite (1900-1989) que se filiava a corrente socialista.

Abdias também declarou, como movimento de massas, foi a mais importante organização que os negros lograram após a Abolição da Escravatura.

Implantando a ditadura do “Estado Novo” em 1937 por Getúlio Vargas, a Frente Negra Brasileira (FNB) e todas as outras organizações políticas foram extintas. O movimento negro, diante do novo modelo político, que se instalara no Brasil, foi diluído e enfraquecido. O Movimento Negro havia escolhido, desde os anos 20, a figura ícone da mãe-preta, cujo monumento foi inaugurado, em São Paulo, somente em 1995 como parte das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Um dos principais objetivos da (FNB) era a defesa de uma Segunda Abolição pois a primeira (1888) havia deixado um legado de exclusão social e pobreza, sem oferecer aos libertos a condição de exercerem de forma plena e integrada a sua condição de cidadãos.

Marcada de forma indelével pelo racismo, a vida dos afrodescendentes tem sido árdua nas lutas diárias por melhores condições socioeconômicas.

Desmitificando a ideia, em nosso país, da “Democracia Racial”, estatísticas do próprio IBGE ratificam o quanto se tornam necessárias políticas afirmativas, visando a atenuar as 300 anos de escravidão, cujo legado nefasto, da miséria e da exclusão social, faz-se sentir, até os dias hoje, por um número expressivo da população afrodescendente.

A realidade estigmatizada da dicotomia entre a “Casa Grande e da Senzala” infelizmente, não se esvaziou, nem com o passar dos séculos, desde o Brasil Colônia.

Importante registrar que, além da Frente Negra Brasileira, na década de 30, outras do gênero surgiram, buscando promover a integração do afrodescendente à sociedade de forma mais abrangente, como o Clube Negro de Cultura Social (1932) e a Frente Negra Socialista (1932) na cidade de São Paulo, no Rio de Janeiro, a Legião Negra (1934) em Uberlândia/MG, e a sociedade Henrique Dias (1937), em Salvador.

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, merece destaque a fundação da mais antiga do Brasil, ainda, em atividade: trata-se da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora que foi criada, em 1872, por negros alforriados, um ano após de ter sido assinada a Lei do Ventre Livre (1871).

O caminho dos afrodescendentes tem sido pontualmente por lutas, desafios, avanços e retrocessos, porém, diante da nossa condições de um povo miscigenado, não podemos recuar e nem desistirmos do ideal em construir um Brasil com mais justiça e com menos desigualdades sociais, fazendo, finalmente , jus ao verso de uma das estrofes do Hino Nacional... Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil.

Bibliografia

Fernandes, Florestan. Significado do protesto Negro. São Paulo: Cortez, 1989

Pinto, Regina Pahin. O movimento negro em São Paulo: luta e identidade. São Paulo, 1993.

<https://www.geledes.org.br>

O maior e mais importante departamento da FNB foi dar o devido valor a educação uma de suas grades propagandista conclamava imprensa da época. Eduquemos mais e mais os nossos filhos, dando-lhe uma educação e uma instrução de acordo com as suas aspirações. (A Voz da Raça, 28 outubro. 1933. p.2).

O conceito de educação articulado pela entidade era amplo, compreendendo tanto o ensino pedagógico formal quando a formação cultural e moral do indivíduo. A palavra educação era usada frequentemente com esses dois sentidos. Já a palavra instrução tinha um sentido mais específico, de alfabetizar ou escolarização.

A educação era vista muitas vezes como arma na “cruzada “contra o preconceito de cor.

Os negros deviam estudar, afirmava José Bueno Feliciano, a fim de não serem insultados a cada momento. Instruídos e educados seremos respeitados, (imprensa A Voz da Raça) acreditava-se que os negros, na medida em que progredissem no campo educacional, seriam respeitado, reconhecido e valorizado pela sociedade mais abrangente.

A educação teria o poder de anular o preconceito racial e, em última instância, de erradicá-lo.

A instrução foi uma das questões mais pautadas da FNB bem disseminada na raça será maior e a mais importante conquista desta entidade. Em quase todas as edições do jornal da FNB encontra-se alusão ao quadro de carência educacional da população, negra e à necessidade de ela instruir-se. Geralmente se acreditava que a marginalização do negro no pós-abolição era uma herança da escravidão, que lhe teria entorpecido o potencial intelectual e cultural do negro para o exercício da plena cidadania no mundo moderno e civilizado.

E tal despreparo só poderia ser revertido pela via da instrução o fracasso de nossa gente foi simplesmente porque mostraram-nos a liberdade esquecendo-se de nos abrir a porta que a ela conduz o livro.

Em tom catequético, um articulista do Voz da Raça asseverava que a instrução é a única e exclusivamente do que se ressentia o negro.

Ela teria o poder de produzir uma mentalidade nova nas crianças de hoje que serão os moços de amanhã e os velhos do futuro. Para a fretenegrino que assinava o artigo pelo pseudoanônimo Rajovia a instrução era o ponto inicial de uma duradoura melhoria na condição social intelectual e moral da raça negra.

Como foi mencionado, a instrução era concebida com o instrumento mais eficaz para atacar o preconceito.” Instrução”, bradava o jornal da FNB, “é o que o negro precisa. O negro deve procurar se liberta dos grilhões da ignorância e quebrar as algemas vergosas do preconceito que o faz aniquilar.

A instrução seria o principal meio pelo qual o negro adquiriria cultura, que naquela época era entendida como sinônimo de civilização. João de Souza argumentava arena pedagógica que se acolhe a luta suprema da civilização. O temor educação também era utilizado algumas vezes como sinônimo de cultura.

Nesse sentido, a elevação educacional e cultural proveniente do estudo não seria adquirida apenas num estabelecimento formal de ensino.

Conforme dizia uma das lideranças fretenegrinas o homem deve estudar até morrer. Não é só nos Grupos Escolares e nos Ginásios, enquanto se é criança ou moço que se forma o intelecto. Em casa, na sociedade, nos clubes, em qualquer parte. Sem estudo não se vence. (jornal voz da raça)

De qualquer forma, a escola cumpriria um papel estratégico no processo de formação cultural: em um editorial do jornal, ela era considerada o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as ciências, arte, música etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos novos irmãos.

O mesmo editorial ainda aconselhava. Oh pais! Mandai vossos filhos ao templo da instrução intelectual – a escola, não os deixes analfabetos como dantes.

Em vários editoriais e notas escreviam-se predicados do tipo: Negros, negros, ide para escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabéticas para que possais amanhã tirar dela para a glória do Brasil e de vossa raça oprimida.

Por sua vez os professores eram tidos como um baú de sabedoria; mestre sacerdócios amáveis os quais dariam a seus fiéis discípulos a luz do saber.

A direção do departamento de instrução ficava a cargo, a princípios, de José Maria de Assis Pinheiro, que foi substituído, em 1933, Aristides de Assis Negreiro e depois por Francisco Lucrécio que passou a receber o auxílio de Celina Veiga. A primeira iniciativa do departamento foi a criação, em 1932 de um curso de alfabetização de jovens e adultos.

Anunciava-se o projeto de fundação de uma instituição escolar com o nome “Liceu Palmares a fim de ministrar ensino primários, secundário, comercial e ginásial.

Notificava-se também que essa instituição escolar aceitaria alunos independentemente de serem ou não sócios da FNB assim como brancos, brasileiros ou não.

Apesar do anúncio público, o “Liceu Palmares” não se concretizou.

Encontrou-se outrossim, o comunicado de que em junho de 1933, teriam início as aulas do Curso Ginásial e Comercial.

O jornal da entidade ainda noticiou a existência do curso secundário, em 1935, mas não se tem certeza da validade dessas notícias.

O certo é que o curso de alfabetização funcionava na sede da entidade. Era em princípio destinado a todos os negros, associados ou não à entidade, no período noturno: Encontra-se em pleno funcionamento na sede da FNB a escola de alfabetização, mantida por aquela entidade, para ministrar instrução aos negros de ambos os sexos.

Com o tempo, pessoas de outros grupos étnico-raciais puderam matricular-se. Ao menos uma fonte atesta essa informação. Em 1937, realizou-se uma sessão solene, no Teatro Municipal, para comemorar os 90 aniversários do nascimento do grades poeta patricio,” Castro Alves.

Nela, o escritor modernista Oswald de Andrade proferiu um discurso em que dizia:

“Hoje, mais do que nunca, um sentido econômico se funde nas manifestações públicas. Se aqui vedes pretos e brancos imanados e solidários, ide á sede de uma das organizações que nos dão espetáculos-e vereis como sinal dos tempos, cursando as suas aulas, nacionais brancos, europeus e até japoneses”

Isso significa que, ao visitar a escola da FNB, Oswald de Andrade encontrou alunos de todas as cores. Quando a FNB resolveu oferecer o curso

de alfabetização para jovens e adultos, buscava-se solucionar um dos principais flagelos que assolavam a população negra o analfabetismo.

O curso de alfabetização ganha adeptos dia a dia, crescendo assustadoramente.

São homens, mulheres e crianças que procuram o manancial da instrução. Os professores são 3 e não dão conta do recado.

A partir de 1934, a FNB passou a oferecer, além do curso de alfabetização, o curso primário, que inicialmente funcionava no período vespertino, mas que, em um segundo momento, passou a funcionar no período matutino. Cumpre advertir, entretanto, que há escassos indícios de como se desenvolviam os trabalhos no curso primário, as notícias a respeito dele muitas vezes se confundem com as ações empreendidas no curso de alfabetização para jovens e adultos.

Francisco Lucrécio informa que o curso primário estava organizado em três series distintas com cada sala de aula correspondente a uma série.

Marcelino Felix sugere que o curso tinha duração de três anos, adotava um sistema muito seriado, ou seja, várias series funcionando dentro de uma mesma sala que era mista menina e meninos estudavam juntos, fato incomum para a época.

Em sua maioria, os alunos da escola da FNB eram carentes; por isso a associação se esforçava para fornecer gratuitamente o material escolar e o uniforme. Para viabilizar esse fornecimento, era comum promover eventos beneficentes, como os festivais. É importante ressaltar que escola FNB não tinha seus cursos reconhecidos oficialmente, uma vez que ela era classificada como um estabelecimento de ensino privado.

Foi a partir da nomeação das professoras que escola fretenegrina adquiriu nova estrutura. O sistema de avaliação, por exemplo, tornou-se mais rigoroso.

Foram instituídos os exames finais com o rendimento dos alunos sendo registrado nos boletins escolares.

Parece que apenas o curso primário contou com professores formados e regularmente remunerados. Os demais cursos eram ministrados por pessoas leigas as quais se prontificavam a lecionar de maneira voluntária (Pinto, 1993, p.247). Afora Francisco de Andrade e Aracy Ribeiro de Oliveira, o jornal A Voz da Raça faz alusão a outras professoras: Alcides de Souza, Jersen de Paula Barbosa, Antonieta Marcondes, todas eram negras.

Em 1936, a escola da FNB estava em plena atividade. Ao ser entrevistado pelo jornal A Gazeta, Francisco Lucrécio relatou na ocasião: Temos na sede central três período escolar, funcionando regulamente, ou melhor, otimamente bem (A Gazeta, 10 maio 1936).⁴ (A Gazeta, 10 maio 1936). Todavia, não há

consenso quando ao número exato de salas de aulas, bem como ao de alunos atendidos. As estimativas são presumíveis e desconexas.

Lucrécio, em texto memorialístico, aventou que a escola fretenegrina chegou a ter “quatro sala de aula” (Lucrécio, 1989, p. 334; Lucrécio apud Barbosa, 1998, p. 42), sem especificar se destinadas ao curso primário ou ao de alfabetização de jovens e adultos. Já consultando a pesquisa de Marcelino Felix, depreende-se que, ate maio de 1936, havia uma sala para o curso primário, no período diurno, e “somente duas salas de alfabetização funcionando”, no período noturno (Felix, 2001), o que por sinal, parece ter sido o mais provável.

Noticiava o jornal A Voz da Raça que o curso diurno funcionava com frequência de “48 crianças a mais ou menos”, o noturno, que contaria com grandes números de adulto, transcorria “dessa mesma maneira” e o “curso ginásial” era marcado pela constância geral dos futuros paladinos desta grande raça. (A Voz da Raça, 31 agosto. 1935, p. 4)



Imagem- (Frontispício do jornal A Voz do Brasil)

Um ano depois, o jornal noticiava a existência de 90 alunos já matriculados na Escola da Frente Negra Brasileira.

No encerramento do período letivo, promovia-se uma solenidade comemorativa, à qual compareciam os alunos, seus familiares e convidados. No

final das aulas, seus familiares e convidados. No final das aulas de 1934, o jornal do Estado de S. Paulo noticiava:

“Encerraram-se solenemente a 30 de novembro as aulas dos cursos diurno e noturno patrocinado pela FNB”

O sr. Justiniano Costa, presidente geral de Frente Negra, depois de saudar a numerosa assistência fez a entrega dos boletins de promoção aos alunos.

Já a festividade de encerramento do ano letivo de 1934 foi mais apoteótica, contando inclusive com a presença do “nobre” deputado estadual Romeu de Campos Vergal: Nas festividades que foram realizadas dia 30 do mês p. p., notava-se a presença de grande número de convidados e famílias dos alunos, do grande Conselho da FNB e do ilustre deputado à Câmara Estadual, dr. Romeu de Campos Vergal. À entrada de grande conselho na sala de aula os alunos, depois de prolongadas palmas, entoaram o hino nacional. Dado o início à sessão solene, o sr. Presidente Geral, saudou os alunos, incitando-os para no próximo ano esforçarem-se mais ainda em suas lições, correspondendo assim aos elevados préstimos, carinhos e abnegação das esforçadas professoras senhoritas.

Francisco de Andrade e Jersen de Paula Barbosa, logo após o sr Presidente passou a fazer entrega dos cartões de promoção, o que se passou sob grande entusiasmo por parte dos alunos e da assistência. Em seguida a este ato, o sr. Presidente deu a palavra ao nobre deputado Dr Romeu de Campos que em brilhante alocução saudou aos alunos do C.A.F.N. e sua dirigentes assim como a FNB.

As solenidades de encerramento do ano letivo tinham um significado especial, era o momento em que a FNB conferia visibilidade para o seu trabalho devotado a instrução de crianças, jovens adultos. Também era uma forma de a entidade despertar nos convidados, familiares dos alunos, enfim, na comunidade negra de modo geral, o interesse pela educação.

Do ponto de vista ideológico, a escola da FNB seguia a orientação nacionalista da entidade, por isso era comum ela comemorar alguns eventos de valor patriótico.

Um deles era o da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. Todavia, a maior mobilização da escola ocorria nas celebrações. Em 1936, eles tiveram que visitar “túmulo dos abolicionistas e frentenegrinos, nas necrópoles da Consolação e Araçá”

É difícil saber se a escola da FNB atendia às expectativas da clientela. As fontes consultadas não permitem mensurar essa questão de forma judiciosa. De toda sorte, considera-se pertinente registrar o que Plácido Damasceno Motta – um ex-aluno – declarou a respeito, muitos anos depois: “eu praticamente não sabia nada, era mesmo quase analfabeto. Então eu frequentei a escola noturna

da Frente Negra, fiquei bastante satisfeito porque aprendi alguma coisa” (Motta, apud Barbosa, 1998, p.100)

A FNB também ofereceu um curso de inglês, cujas aulas eram ministradas aos domingos, das 20 às 21 horas, pelo professor Eusébio dos Santos (A Voz da Raça, jul. 1936, p.2; jul.1937, p.2), e um curso de “Formação Social”:

É com grade jubilo que vimos [noticiar] a fundação do Curso de Formação Social. Sus aulas já estão em funcionamento. Tivemos o feliz ensejo de assistir aulas do 1º ano, as de francês, aritmética, geografia, coreografia, contabilidade, história pátria, geral, ciência física e naturais, ministradas por professores e auxiliares de conhecida capacidade. Mediante módica contribuição, têm os senhores. Frentenegrinos um curso fundamental qual é o ginásial. (A Voz da Raça, 11 maio 1935, p.4)

Embora tenha sido noticiado que o curso de Formação Social correspondia ao ginásial, tudo indica que ele não era regular e constava de conferências sobre assuntos da atualidade, política, questões sociais e, principalmente, moral e cívica.

Com Arlindo Veiga dos Santos sendo um dos professores, o curso aspirava a garantir o aprimoramento cultural daqueles que o frequentavam.

Arlindo dedicava-se nessa época a escrever obras literária e já evidenciava engajamento como militantes do catolicismo, em projeto ainda pouco desenvolvido, mas que se formava e consolidava em direção ao nacionalismo, com entusiasmo juvenil.

Aos dezenove anos de idade havia publicado a primeira parte da novela os filhos da cabana ou no fundo dos sertões. O acolhimento da obra pela livraria Selesiana Editora confirma sua inserção nos meios intelectuais católicos.

A educação formal, a capacidade oratória, talentos literários e artístico correspondiam ao protagonismo em jornais, discursos, homenagem a personalidades simbólicas em túmulos e hermas. Suas lideranças firmavam-se pelo ativismo, pela capacidade de organização e pelo carisma pessoal que mobilizava plateias. Arlindo já era autor e conhecido nos meios católicos pela colaboração nos jornais e escrevia suas primeiras obras literárias.

Entre seus escritos dessa época de exaltação da negritude, no soneto à Gente Negra, expressou com veemência sua a origem africana e valorizou esta identidade em busca da superação do atavismo criado pelo passado cativo.

Era ao mesmo tempo, um brando de união e luta dirigido à “gente negra” e chamado à memória da epopeia de Palmares:

*Africano, Africano! O teu sangue me ufana,
Ferve dentro de mim, dá-me o vigor dos bravos!
Não! Desonra não é ter o sangue de escravos
Quando ao seu cativeiro o heroísmo se irmana!*

*Se do teu sangue nobre a Pátria se envergonha,
Luta por ela sempre, e reage a medonha
Potência que assombrou nas rochas da Palmares.
Doutros venha a traição! Porém tu, na atalaia,
Vela pelo o Brasil, para que não decaia
O brio da nação que vendo os seus altares!...*



(Arlindo Veiga dos Santos, fundador e primeiro presidente da Frente Negra Brasileira.)

As crianças eram objeto de interesse e cuidado especial de Arlindo, que buscou por vários meios atraí-las e conservá-las na associação. Prepara-la para o futuro, educá-las e integrara-las no mundo do trabalho eram as tarefas hercúleas que procurou desenvolver e sintetizou no Canto da Criança Frentenegrina, cuja letra escreveu.

*Criança frentenegrina,
Quero meus pais imitar,
É ordem que recebi:*

Apreender e trabalhar.

Quem recua, trai a Raça:

Quem duvida é Judas Pátria,

Progrido por minha Gente.

Criança fretenegrina

Sempre avança para a frente.

Posso o que podem os outro,

O que sabem também sei;

Nunca coisa eu venço a todos

No trabalho o negro é rei!

Menino Negro! Esta Pátria,

Desde a prata até o Pare

Chama por ti esperança:

Que esperar, Negro? Vem já!

Ouve, negrinho valente!

O Brasil grita por ti

E o grito da Pátria ansiosa

Vem do peito de Zumbi!

Ainda que de maneira começaram a de embrionária, as lideranças fretenegrinas começaram a desenvolver um posicionamento crítico em face do sistema de ensino, quer no que dizia respeito ao modo como os professores e a escola tratavam os alunos negros, quer em relação aos conteúdos escolares.

Olímpio Moreira da Silva denunciavam a existência de grupos escolares que aceitavam os negros porque eram obrigados, porém seus professores procuravam menosprezar a dignidade das crianças negras, deixando-as ao lado para que não aprendam e os pais, pobres e desacomodados pelo pouco desenvolvimento dos filhos, resolvem tirá-los.

Em outro momento, Moreira da Silva voltava atacar os professores que tratavam os alunos negros de forma diferenciada. "Pois bem, se o indivíduo não está em condições de ensinar o negro, é conveniente que deixe a sua cadeira a

outro que o suporte, pois o governo paga aos mestres para ensinar as crianças e não para ensinara as crianças brancas.

Ao referir-se á história do filho inteligente de um patrício negro, Castelo Alves contava que ele ia mal amparado pela escola porque a sua professora declarava em plena classe que “negro com ela não aprende” como se o negro frequentando uma escola pública pedisse uma escola.

Por essa perspectiva, a história do Brasil confundia-se com os feitos do negro. Esse foi o esteio da independência; o elemento humano central para a implantação da primeira República. Enfim, a raça negra, foi executora desse epopéia gigantesca chamada Brasil.

As lideranças fretenegrinas valorizavam a prática da leitura. O livro e a biblioteca eram concebidos como valiosos instrumentos de elevação intelectual e cultural da população de cor.

Com entusiasmos, Rajovia avaliava. Hoje, admiravelmente se vê desde o menino até ao adulto receber o livro como um pão celestial.

João B Mariano recomendava que os “irmão da raça” seguissem o caminho sacro santo do livro. Adiante, ele era mais contundente: O negro em tempo algum precisou tanto do livro como agora. O livro seria tão importante para o processo de “desenvolvimento moral e intelectual” do negro que João Mariano entendia que, para a vitória final da raça negra no Brasil, duas coisas são indispensáveis: o livro e a união.

José Bueno Feliciano era mais extremista: “só o livro completara a redenção da Gente Negra do Brasil”

Outra iniciativa da FNB no terreno educacional foi a organização de uma biblioteca, postula-se que, para triunfar no campo intelectual, o negro teria obrigatoriamente que “desfolhar boas bibliotecas”

Os livros eram adquiridos principalmente por meio de doações dos associados (Felix, 2001). Em uma delas, Deocleciano Nascimento doou 24 livros, “na maioria, clássicos, nas línguas francês, inglesa e portuguesa”

Em outra, João Pedro de Araújo, o bibliotecário da FNB, não só ressaltou a doação que o escritor Rene Tioller fez de sua obra Antônio Bento e a abolição como também a indicou para leitura. Pedro de Araújo julgava que a obra era de “grande interesse para a Raça” e devia ser procurada pelos “frentenegrinos em geral, que ainda desconhecem o que foram os seus avós no passado (A Voz da Raça, 18mar. 1933, p. 4)

Em 1937, as professoras da escola da FNB também lançaram uma campanha em prol da fundação de um “Biblioteca infantil”. Para levá-la a efeito, foi montada uma comissão para “angariar livros e demais donativos”, contando com o apoio dos pais e parentes dos alunos. A expectativa era de que, no início do ano seguinte, a campanha fosse “coroadada de êxito”, com ampla e selecionada biblioteca infantil já em funcionamento.

Os dirigentes fretenegrinos ainda cogitaram de formar um centro de estudo, agregando os negros cultos, os que estudam e os que querem aprender.

Por fim, ventilaram de criar um “Clube dos Intelectuais”, para reunir estudiosos, poetas, jornalistas ou escritores negros.

Além de espaço de intercambio social e cultural, o Clube almejaria garantir a publicação tanto de um jornal literário como de livros dos intelectuais negros.

As atividades educacionais da FNB não ficaram circunscritas à cidade de São Paulo. Várias delegações mantiveram escolas ou cursos de alfabetização.

Uma das maiores delegações do interior de São Paulo foi a da cidade de Campinas. Fundada em março de 1932, destacou-se por dedicar uma atenção especial às atividades educacionais.

Com alguns meses de funcionamento, a delegação apresentava um nível de organização nada desprezível. Naquela época, encontravam-se em funcionamento permanente duas escolas e alfabetização, sob a direção dos senhores Odilon Trefiglio e Jose Himziquer e da senhora Ruth Sampaio de Aguiar eram diversos professores em determinadas áreas de atuação.

Cabe destacar que essa organização está aparelhada atendendo em tudo que os pretos careçam e que ao alcance dela esteja.

Assim é que existem na sede um livro registro para uso dos seus compatriotas desejosos de qualquer auxílio ou cooperação.

Na próxima semana, será instalado com as devidas exigências um gabinete médico, o qual ficara a cargo do dr, Marcondes Cesar abalizado profissional” (Diário de São Paulo, 31mar.1932, p. 8;15maio 1932, p.5; 10 fev. 1933, p.11; 18out.1933, p. 11; 7nov.1933, p. 4)

Outra importância delegação da FNB foi a de Santos, O Diário da Manhã noticiava que a delegação, com menos de um ano de atividade, oferecia cursos de alfabetização; aulas diurnas e noturnas para crianças e adultos sem distinção de “cor”, em que se ensinava português, aritmética, geografia, história do Brasil e desenho.

A delegação ainda oferecia aula de “inglês”, “espanhol”, “alemão”, “italiano”, “piano”, “violino”.

A solenidade de encampação foi aparatosa, contando inclusive com a presença do prefeito da cidade.

Às 8:30 horas da noite do dia 21 do mês p.p. deu-se a abertura das solenidades, falando após a instalação o ilustrado patricio e representante da sede central de Minas – senhor Raimundo Macedo Filho, em agradecimento, pela escolha de seu nome e nomeação para lecionar na referida escola.

Falaram o jovem o jovem Lazaro Silva, sr. Leopoldo Poli, dr. Jacomino Inacarato e dr. José J. de Magalhaes, que brilhantemente proporcionaram maiores alegria aos fretenegrinos de Muzambinho, pelas recepções e palavras

amigas que foram dirigidas. O sr Joao Candido dos Santos – da Sede Central de Minas e Secretario ad-hoc nesta solenidade, discursou eloquentemente, com nobreza de espírito, bondade de coração, fez votos de prosperidade a recém-instalada escolar.

Ao término foi cantado o hino da Gente Negra Brasileira, encerrando a sessão. (A Voz da Raça, set. 1937, p. 2)

Pretendendo que as demais entidades negras seguissem seu exemplo, a FNB as convocava, em 1934, a abrir escolas e a investir na formação cultural da população negra.

Quase dois anos depois, a convocação era retomada: “É um dever de nossas associações abrir escolas, difundir instrução, semear livro, criar uma mentalidade liberta de preconceitos”.

Independente da eficácia dessas convocações, vale assinalar que a FNB não era a única organização do meio negro paulista que mantinha projeto educacionais na década de 1930, cidade de Jundiai, mantinha uma escola chamada “Cruz e Souza”, cidade se São Carlos criou escola instruções profissionais.

Raul Joviano Amaral informava que as iniciativas voltadas para a “instrução” das Sociedades Benéficas ou Clubes Instrutivos da gente de cor funcionavam em condições precárias de instalação, ressentindo-se da falta de apoio material, as aulas eram ministradas em “salinhas acanhadas, com bancos toscos e mesas de caixão, isso mesmo custado por bolsa de particulares.

Por essa razão, ele considerava necessário o auxílio do governo. (A Voz da Raça, 23 jun. 1934, p. 2).

As organizações de outros estados que se inspiravam na experiencia da FNB também se preocupavam com a alfabetização e educação da “população de cor”.

Esse foi o caso das FNP, do Rio Grande do Sul, Nascida no bojo de uma “Campanha Pro-Educação”, a agremiação inscrevia logo no primeiro artigo de seu estatuto que se destinava a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra.

Para tanto, pretendia realizar palestras, conferência; organizar bibliotecas, cursos de alfabetização, em suma, ações que tendiam a elevar o nível intelectual e cultural do “homem de cor”.

A instrução era entendida como a principal arma dos negros na conquista da cidadania, pois, uma vez instruídos, eles tomariam conhecimento de seus direitos e deveres, bem como estariam habilitados para advogá-los.

Para algumas de suas lideranças, por isso pleitearam mudar seu nome para Frente Educacional Pelotense (Loner, 1999).

A Frente Negra Baiana também tinha como uma de suas prioridades a atuação no campo educacional.

Em sua sede, oferecia cursos de alfabetização no período noturno. Em 1933, os jornais de Salvador noticiavam que a organização estava ampliando suas atividades abrindo inscrições para os cursos primário complementar, de música, datilografia (Diário da Bahia, 21 jun.1933, apud Bacelar, 1996, p. 76).

Sem qualquer tipo de patrocínio, a Frente Negra Baiana promovia festa beneficente para custear compra do mobiliário escolar e de todas as demais despesas dos cursos.

À medida que a FNB foi adquirindo maior representatividade no cenário nacional, surgiu a ideia de transformar a organização em partido político.

Em 1936, depois de um longo processo de articulação e pressão político, a ideia tornou-se realidade: o Tribunal Superior de Justiça Eleitoral permitiu o registro do Partido da Frente Negra Brasileira.

Mas o novo partido não teve oportunidade de demonstrar sua força política e passar pelo teste das urnas: em 10 de novembro de 1937, com o apoio das Forças Armadas, Getúlio Vargas determinou o fechamento do Congresso Nacional e anunciou em cadeia de rádio a outorga de uma nova Constituição da República.

A FNB foi expressão da capacidade de união e luta da “população de cor” na década de 1930.

Para as lideranças frentenegrinas, a educação era o que hoje se designa bem inviolável. Além da integração e ascensão social do indivíduo na sociedade, ela possibilitaria a eliminação do preconceito e, no limite, garantiria as condições para o exercício da cidadania plena.

Examinando o discurso das lideranças fretenegrinas, percebe-se como elas tinham uma visão crítica em relação à falta de políticas públicas educacionais dirigidas à população negra.

Tais lideranças entendiam que a ausência de “instrução” era um dos fatores fundamentais que levava o negro a viver alienado culturalmente, desqualificado profissionalmente, manipulado politicamente, sem perspectiva de progredir socialmente, em síntese, a viver em condições precárias; por isso elas julgavam que o acesso à instrução era condição para que essa situação fosse revertida.

Em outras palavras, o acesso a instrução seria um pré-requisito básico para solucionar os problemas do negro na sociedade brasileira.

Amiúde, as lideranças frentenegrinas difundiram a ideia de que a educação era o principal, senão um dos principais instrumentos a permitir que uma pessoa negra vencesse na vida ou, ao menos, obtivesse as mesmas oportunidades sociais, econômicas, políticas e culturais de uma pessoa branca.

Assim, é escusado dizer que a FNB sempre defendeu a melhoria no nível educacional e cultural da “população de cor”.

Já no terceiro parágrafo do estatuto, a agremiação declarava que uma de suas finalidades era elevação intelectual, artística, técnica, profissional da Gente Negra (Diário oficial do Estado de São Paulo, 4 nov. 1931, p.12).



Porém a FNB não consignou a defesa da elevação intelectual apenas nos seus estatutos. Elas desenvolveram-no planejou várias ações concretas de combater às deficiências educacionais e culturais do meio negro, criando curso de alfabetização.

Formação Social e uma escola que oferecia o equivalente ao primeiro ciclo do ensino fundamental.

A implementação e a manutenção de um projeto escolar exigiram esforço notável por parte da Frente Negra tendo em vista suas limitações infraestruturas, pedagógicas e de recursos financeiros.

Com a fundação de uma escola, o negro tomou para si a tarefa de educar seus pares. Nesse caso, a FNB revestiu-se da característica de algumas organizações dos movimentos sociais: a execução de projetos que substituem o papel do Estado.

Essas organizações passam a oferecer um serviço ou bem que, a rigor, é obrigação do poder público e direito de qualquer cidadão.

A escola da Frente Negra foi fundada no bojo de uma jornada de conscientização e mobilização da “população de cor”.

Contudo, ela não sistematizou uma proposta de política educacional mais abrangente.

Aliás, de forma metódica, ela não forjou um projeto pedagógico centrado na questão do negro nem desenvolveu material didático específico, uma grade curricular alternativa ou se debruçou em torno de uma prática de ensino totalmente inovador. Mesmo assim, pode-se supor que foi a partir dela que se começou a ventilar algumas ideias de como deveria ser a educação do negro no Brasil.

Ainda que de maneira pouco articulada, as lideranças fretenegrina foram precursoras em tecer críticas quer à dimensão preconceituosa dos conteúdos escolares, quer à forma discriminatória com os professores e os estabelecimentos de ensino se relacionavam com os alunos negros.

Mas não se deve cometer anacronismo: a questão de uma pedagogia Inter étnica e multirracial não estava colocada na década de 1930.

Como efeito, só o fato de uma escola reunir somente professores “de cor” e dezenas ou talvez centenas de crianças, jovens e adultos negros em um único recito já causava efeito simbólico.

Isso é, a escola da FNB favorecia o surgimento de um ambiente étnico de incentivo múltiplos, o que por sua vez deve ter influenciado positivamente na formação da autoestima da maior parte de sua clientela.

Quando se agrupavam com seus “irmãos de cor”, os alunos negros sentiam-se a cavaleiro e quiçá mais motivados a aproveitar aquele momento de aprendizagem.

A FNB não restringiu as atividades educacionais á suas sedes. Várias delegações do interior de São Paulo e de outros estados mantiveram escolas ou cursos de alfabetização.

Houve ao menos um caso de delegação da frente negra cuja escola foi reconhecida oficialmente.

Ela ainda influenciou outras organizações negras a desenvolver projetos de caráter educacional. A despeito de todas as dificuldades enfrentadas pela escola fretenegrina, sua experiência histórica constitui um capítulo de resistência da população negra ante sua exclusão no sistema de ensino das primeiras décadas do período republicano.

www.scielo.br-pdf-rbedu

Outro grupo importante do período foi o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por Abdias Nascimento no Rio de Janeiro em 1944.

A proposta original era formar um grupo teatral composto apenas por atores negro, mas aos poucos o tempo adquiriu sentido mais amplo como grupo de pressão.

Publicou o jornal Quilombo, chegou a oferecer curso de alfabetização, organizou Congresso do Negro Brasileiro realizou a eleição da rainha das Mulatas e da Boneca de Piche e, mais tarde o concurso de arte plástica com o tema Cristo Negro.

TEN queria dar uma leitura partir do olhar do próprio negro e da herança africana à cultura produzida pelo negro no Brasil, distanciando-se da forma ocidental de entender e ver a cultura negra. Abdias Nascimento.

Além de montar espetáculos teatrais o grupo do Teatro Experimental do Negro promovia cursos de alfabetização.

Compositores e poetas negros tinham oportunidade de divulgar seus trabalhos, com o Lino Guedes e Isaltino (irmão do Arlindo Veiga), com suas peças de teatro apresentadas no Cine Teatro Roma, situado à Rua da Barra Funda.

No território da música, hinos e valsas foram criadas e muitas vezes executada nas festividades e sessões solenes da FNB. Marcha Palmares (música de Isaltino e letra de Belizário Santana) e Hino da Frente Negra Brasileira, também conhecida como Canto da Frente Negra Brasileira eram importante elementos da identidade frentinegrina, é o que se pode verificar nesse hino:

Salve! Salve! Hora gloriosa,
Em que aponta no país,
Esta aurora luminosa
Que fará a Pátria feliz,
(coro) Gente Negra, Gente Forte,
Ergue a frente varonil,
És a impávida coorte
Honra e glória do Brasil.
Os herdeiros dos laureais,
Do trabalho, a ciência, a guerra,
Surgem nobres e fiéis
Pelo amor da pátria terra,
São do sangue escravo herdeiros,
De Tupis e de Africanos,

Que confiantes brasileiros
Bradam soberbos e ufanos.
Cesse a voz dos preconceitos!
Caia a bastilha feroz,
Que o valor dos nossos feitos
Ruge altivo dentro em nós.
Nossa cor é o estandarte
Que entusiasma Norte e Sul;
Une a todos para o marte
Sob o cruzeiro do Azul.

Todos estavam acostumados a colocar que o teatro nasceu na Grécia, mas mil anos antes já havia textos dramáticos no Egito Negro.

Precisávamos, então, criar personagens baseados na mitologia africana porque foi a partir da África que essa cultura se expandiu e foi copiada pelos negros. A raça negra tem mitologia e filosofias bem fundamentada e isso era o que queríamos mostrar.

Através do TEN a sociedade e as artes cênicas conheceram atores e atrizes negras competentes, expressivos e talentosos.

Alguns são mais conhecidos do grande público e outros são nomes cujo talento é reconhecido apenas dentro do circuito artístico e por pessoas da geração do TEN, como Grande Otelo, Ruth de Souza, Haroldo Costa, Leo Garcia, Abdias do Nascimento, Solano Trindade e outros artistas.



A estátua de Solano Trindade está localizada no Pátio de São Pedro.
Recife-PE



Solano Trindade foi um dos maiores poeta negro que o Brasil já conheceu, segundo ninguém menos do que o escritor e poeta Carlos Drumond de Andrade.

Foi também ator, pintor, cineasta e um dos criadores do Teatro Experimental do Negro. Esse pernambucano conquistou prêmios internacionais e, e apesar de ser conhecido no exterior, as novas gerações de brasileiros desconhece a sua trajetória desse filho de um humilde sapateiro do bairro São José que viveu para cantar a sua gente.

Pernambucano nasceu em Recife a 24 de julho de 1908. Segundo vários críticos, o criador da poesia “assumidamente negra” no Brasil.

Premiado no exterior, elogiado por celebridades como Darcy Ribeiro, Sergio Milliet e outros, o negro “e pobre” escritor recifense é muito pouco lembrado, apesar de tudo o que fez pela cultura e pelas artes do país.

Depois que deixou o Recife e fixou residência no Rio de Janeiro, Solano Trindade foi o idealizador do 1º Congresso Afro-brasileiro e, anos mais tarde (1945), criou, com Abdias do Nascimento, o Teatro Experimental do Negro.

Em 1932 criou, no Recife, a Frente Negra Pernambucana, mas o movimento não vingou. Enquanto viveu entre as capitais Rio de Janeiro e São Paulo, sua obra ganhava fama entre críticos nacional e repercutia no

exterior, mas nunca deixou de realizar oficinas para operários, estudantes e desempregados.

Em 1944, durante a ditadura do Estado Novo, por conta do poema “Tem gente com fome”, foi preso e teve o seu livro Poemas de uma vida simples apreendido.

A partir de 1950, concretizou um dos seus grandes sonhos, fundando, com o apoio do sociológico Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro (TPB).

Em 1955, criou o Brasiliana, grupo de dança brasileira que bateu recorde de apresentações no exterior.

No teatro, foi Solano Trindade quem primeiro encenou (1956) a peça Orfeu, de Vinicius de Moraes, depois transformada em filme pelo francês Marcel Camus.

Todo o trabalho de Solano Trindade, quer no teatro, dança, cinema ou literatura, tinha como característica marcantes o resgate da arte popular e, sobretudo, a luta em prol da independência cultural do negro no Brasil.

Tem gente com fome “poesia” Solano Trindade.

Trem sujo da Leopoldina

Correndo correndo

Parece dizer

Tem gente com fome

Tem gente com fome

Tem gente com fome

Piiiiiii

Estação de Caxias

De novo a dizer

Tem gente com fome

Tem gente com fome

Vigário Geral

Lucas

Cordovil

Brás de Pina

Penha Circular
Estação da Penha
Olaria
Ramos
Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá
Trem sujo da Leopoldina
Correndo correndo
Parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
Tantas caras tristes
Querendo chegar
Em algum destino
Em algum lugar
Trem sujo da Leopoldina
Correndo correndo
Parece dizer
Tem gente com fome
Tem gente com fome
Tem gente com fome
Só nas estações
Quando vai parando
Lentamente começa a dizer
Se tem gente com fome
Dá de comer
Se tem gente com fome

Dá de comer
Mas o freio de ar
Todo autoritário
Manda o trem calar
Psiuuuuuuuu

(Disponível em: http://www.pe-azbr/destaques_mes_solano.htm.)

Conhecer a história das associações negra e importante para entender as condições em que os negros levaram adiante a sua luta e as dificuldades que encontraram pelo caminho. Esses grupos impulsionaram o sentimento de pertencimento, construíram e preservaram laços de solidariedade racial.

Contribuíram para a percepção das desigualdades e discriminações raciais em nossa sociedade, animando assim os movimentos de reivindicação por direitos e cidadania para poder compreender essa força, comentaremos a importância do jornal Clarim da Alvorada, e como surgiu.



Imagem- José Correia Leite a direita, Jayme de Aguiar esquerda redatores do Clarim d' Alvorada, 15/01/1927

José Correia Leite nasceu dia 23 de agosto de 1900, em São Paulo, teve uma origem muito pobre, tendo que trabalhar muito jovem, com entregador de marmitta e cocheiro. Autodidata, teve incentivo de uma antiga professora para que estudasse.



(Redação do jornal O Clarim d' Alvorada, situada na residência de José Correia Leite. Da esquerda para a direita: Átila de Moraes, Manoel Antônio dos Santos, Luís Braga, Henrique Cunha, Raul (garoto filho de José Correia Leite) e Gentil de Castro)

Tornou-se um dos principais personagens negro brasileiro. Aos 24 anos em conjunto com Jayme de Aguiar, fundou o jornal O Clarim, realizado posteriormente, de O Clarim d'Alvorada. Era um jornal feito por negros e para a comunidade negra, publicado entre 1924 a 1932.

Nele Correia atuou como diretor responsável, redator, reporte e gráfico. Ainda no início desse jornal, começou a ter notícia sobre o processo de discriminação racial nos Estados Unidos, o que muitos o influenciou.

Além da militância, na qual foi uma referência, José Correia Leite tinha a preocupação de construir um diálogo com depoimentos e material bibliográfico para diversos trabalhos sociológicos.

O grupo do Clarim da Alvorada depois da dissidência que surgiu no seio da Frente Negra Brasileira, continuou ativo, por meio do Clube Negro de Cultura Social e seus sucessivos órgãos de comunicação.

O forte de distribuição do Clarim e de todos os outros jornais eram os tradicionais bailes negros. Leite e Aguiar consideravam que essas agremiações dançantes tinham papel fundamental na condução dos jovens negros que vem crescendo sem acompanhar a evolução grandiosa do Brasil.

No início o jornal trazia forte carga literárias com muitas poesias e sem conotação política. Foi durante sua segunda fase d 1928 a 1932 que O Clarim d'Alvorada conquistou prestígio entre os negros e lavradores.

O texto passa a ser politizado denunciando o racismo fundante da sociedade brasileira, reivindicam direitos e defendem incansavelmente a união necessária da gente preta.

Jose Correia Leite em depoimento que compôs o livro...disse assinado por ele mesmo e pelo escritor e poeta Cuti, localiza o lugar ocupado pelo o jornal no cenário da época. Com relação à imprensa negra paulistana ele passou a ser militante com O Clarim d' Alvorada.

Antes os jornais existiam para comunicar assuntos especificamente sociais como batizado, casamento, falecimento e trabalhos literários.

A imprensa negra em geral auxiliou no processo de comunicação de muitas pessoas dentro dessa lógica. O Clarim começou em seus artigos a enquadrar o mulato como negro afastar a ideologia que defendia a mestiçagem e a figura do mestiço. O peso de um ato como esse era enorme principalmente em uma época em que os pilares da consciência racial ainda estavam em formação.

Não raro os jornais negros acabavam por produzir termos que hoje soariam mal compreendido. Além disso a existência de O Clarim e outros ícones da imprensa negra proporcionou que momento importante de fortalecimento e amplificação das consciências ocorressem de forma coletiva. Cunha militante negro escreveu diversas matérias no jornal Clarim da Alvorada explicou como a existência de poucos negros alfabetizados foi superada na época. Junto a muitos desses reunia-se gente sem estudo para ouvir as notícias. A avó, pai sem leitura comprava o jornal, para que os netos, os filhos lessem para eles.

O Clarim d' Alvorada cumpriu com brilhantismo a função de ser um porta-voz da juventude de seu tempo ou como se referia nos textos da mocidade negra.

A atuação de grupo foi sempre muito coerente, mantendo “bandeira do negro”, ou seja, as reivindicações relacionadas com o levantamento econômico, social e cultural do negro, com uma mistura equilibrada de idealismo e de realismo, o que imprimiu as suas posições um caráter marcadamente construtivo.

Além disso, as facções e organizações em luta se empenharam arduamente em conquistar os jovens principalmente a parte letrada da mocidade negra. As circunstâncias contribuíram, assim para que os jovens adquirissem enorme influência política. Alheios aos dramas pessoais e doutrinários, que cercavam a luta pelo controle do poder e da liderança, eles se voltaram para o trabalho de conciliação, procurando unir facções divergentes ou criar ambiente para o apaziguamento geral acima e entre os diversos tipos de movimento reivindicatório.

A finalidade da F.N.B foi construir um imenso reservatório de água capaz de apagar para sempre essa fogueira, preconceito, hipocrisia encoberto que existe e que tanto prejudica os negros.

Artigo acadêmico “Movimento negro e educação” Autores: Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 15,set/out/dez.2000.

<https://ceert.org.br> resistência imprensa.

Conclusão

Para melhor compreender essa pesquisa, teremos que nos libertar do estigma que nos fizeram acreditar três séculos que o negro foi submisso, preguiçoso, não lutou e sem pensamento.

Uma história que não é contada nos livros, nas grandes mídias e muito menos na sala de aula. Deixando sempre uma ideia errônea de mero objeto, coisa sem valor. O que não é verdade, teve resistência, luta, ideias, comissões, organizações, meios de comunicação próprio.

Não é relevante contar a história verdadeira do nosso povo, por quê?

Porque temos sempre que desclassificar alguém, uma etnia (povo) para poder crescer, e ter um controle sobre aquilo que ele não conhecia. Mesmo sabendo que a sua cultura, a inteligência e o domínio do ferro, metal, arte, idioma foi tudo aprendido com os africanos.

Uma grande parte da população brasileira e até mesmo os intelectuais, não sabem o processo de luta e organização dos africanos escravizados.

Essa estigmatização que o negro é preguiçoso é um equívoco da história, é raro ver a valorização dos africanos em sala de aula, primeiro sempre vem o sofrimento, sem nenhum tipo de luta ou esforço por parte desse povo. A locução deveria ser diferente, os africanos foram importantes para nossa economia, cultura e essencialmente para o crescimento da nação brasileira.

Não saindo fora do contexto proposto esse desconhecimento leva a grande preconceito, como que quisessem “denegrir” a imagem do negro, fazendo com que as crianças em sala de aula, serviço ou até nas rodas dos amigos fiquem constrangidas.

O conhecimento quebra paradigmas, preconceito e valorizar aquilo que até então não conhecíamos.

Para melhor compreender este período de associações, do movimento negro, precisamos entrar em uma ampla pesquisa. No qual poderia mudar essa relação, brancos, negro, índio e judeus.

O governo quer o ensino técnico para que saiam para o trabalho, sem o conhecimento mínimo de história, filosofia, não tendo assim um pensamento crítico, e reflexível da sua origem.

Fazendo com que tudo fique da mesma maneira, preconceito e desconforto, moral e educacional. Vamos imaginar que no período Vargas não tivesse acabado com a associação negra deixando esse movimento até o dia de hoje, uma nova classe social e econômica iria ressurgir no Brasil.

A representatividade negra ia ser mais destacada no meio político, acadêmico, iria ser uma coisa natural sem um espanto, (tipo, como ele chegou

aqui) hoje temos poucos negros que nos representam. Os poderes, governamentais, imprensa, televisão, jornal, não representa uma categoria global, sem parcialidade, sem ferir ética e origem de cor. Isso provoca um desequilíbrio intelectual (nós brancos), detemos o saber, isso fez e faz uma inferioridade de classe, mesmo sabendo que isso gera, resistência nos meios das mídias sociais.

A nossa história tem que ser gritada, explicada estudada nós não só ajudamos fazer o Brasil, mais ensinamos, música, poesia, arte, o teatro, jornal clarim, homens e mulheres que lutaram com sua própria vida.

Olha que ironia, um negro quando chega ser destaque intelectual, é capa de revista, sai na nos principais jornais, chega ser um exemplo de luta, o mesmo que exalta destrói milhares de negros não dando mínimo de valor merecido.

Esse mesmo negro que foi exaltado, agora tem que andar na linha por quê? Os barões vão perseguir, irão investigar tudo da sua vida, até achar alguma coisa até na sua infância que possa ter feito, negro exaltado como assim?

O poder finge que tolera que gosta mais não aceita.

Como muda esses valores deturbados, roubado no ensino fundamental, orientado, estudando pelo século XXI ainda tem professores que ignora nossa história, muitas vezes por falta, de conhecimento, e de pesquisa (crianças não vamos mexer naquilo que vocês já conhecem sobre escravidão, o domínio sobre o os negro) um círculo de informação errada, uma continuidade de mentiras e de zombaria.

O que fortalece, um homem uma nação é o conhecimento amplo da sua origem, e do seu passado, orientar ensina respeitar valores que nos orgulham de ser um povo miscigenado, forte guerreiro que não foge à luta.

Lutaremos, lutaremos, nós negros somos a resistência de um passo que perpetua até os dias atuais, com uma diferença temos a consciência que somos livres, de origem africana com grande orgulho.

Referência Bibliográfica

Munanga, kabengele

O negro no Brasil de hoje / Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes.

- 2. Ed. – São Paulo: Global,2016. (Para entender)

ISBN 978-85-260-2272-0

1.Racismo – Brasil – História. 2. Brasil – Relações raciais – História. I.

Gomes, Nilma Lino. II. Título

Pg. 21, 22, 23, 67, 68

Pg. 107, 108, 116, 121

Pg. 122, 123, 124, 125

Pg. 141, 142, 143

Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos / Lilia Moritz

Schwarcz e Flavio dos Santos Gomes (Orgs.). –

1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-3094-8

1. Brasil - História – Abolição da escravidão 2. Brasil –
História – Dicionários 3. Escravidão – Brasil 4. Escravos
- Brasil – História 5. Índios da América do Sul – Brasil –
Condições sociais 6. Negros – Brasil – Condições sociais

Schwarcz, Lilia Moritz, Il Gomes, Flávio dos Santos

Pg. 113, 114, 115, 117, 119

Pg. 130, 131, 132, 136, 137

Pg. 138, 139, 141, 142, 143

Fernandes, Florestan, 1920 – 1995

A integração do negro na sociedade de classe:

(no limiar de uma nova era), volume 2 / Florestan Fernandes,

- São Paulo: Globo, 2008.

Bibliografia.

ISBN 978-85-250-4567-6

Pg. 104, 106, 108

Pg. 110, 115, 116

Malatian, Teresa M. (Teresa Maria)

O CAVALEIRO NEGRO:ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

E A FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Teresa Malatian. - 1. Ed.

São Paulo: Alameda,2015.

306p.: il.; 21cm.

ISBN978-85-7939-331-0

1. Negros – Brasil – Condições sociais. 2. Negros - Identidade Racial – Brasil. 3. Movimentos sociais – Brasil – História. 4. Brasil - Relações raciais – História. I. Título.

Pg. 29, 31, 47, 238, 239

<https://www.geledes.org.br>

www.scielo.br/pdf/rbedu

<https://ceert.org.br>

http://www.pe-azbr/destaques_mes_Solano.htm.

